

SILVA, MÁRCIA VEIGA. MASCULINO, O GÊNERO DO JORNALISMO: MODOS DE PRODUÇÃO DAS NOTÍCIAS. FLORIANÓPOLIS: INSULAR, 2014.

Fernanda Nascimento da Silva¹

Compreender os processos que envolvem a construção das notícias e a forma como os valores referentes a gênero, sexualidade, raça, classe social e geração perpassam as escolhas de jornalistas é a proposta do livro *Masculino, o gênero do jornalismo – modos de produção de notícia*, de Márcia Veiga da Silva. Publicação resultante da dissertação de mestrado em Comunicação e Informação, defendida pela autora na UFRGS (RS), o estudo prima pela inovação da temática e da abordagem, tendo sido reconhecido como melhor dissertação de mestrado produzida na área de Jornalismo em 2011, ao vencer o Prêmio Adelmo Genro Filho.

Jornalista e feminista, a pesquisadora tem como impulso inicial para a realização do estudo suas inquietações diante dos caminhos de construção das narrativas midiáticas, que não raramente produzem violências e reiteram padrões de comportamentos sociais, estigmatizando aqueles que estão à margem. Assessora de imprensa da ONG feminista Themis, Silva afirma que nunca encontrou “dificuldades em pautar a agenda feminista”, mas que os ruídos surgiam “sempre na compreensão dos fatos, por parte dos jornalistas, pelos modos como eram abordados os temas pela ONG” (SILVA, 2014, p.29). É a partir da percepção da dificuldade de diálogo entre jornalistas e pesquisadoras/ativistas do campo de estudos de gênero que a autora começa a construir sua pesquisa, que parte do seguinte problema: “Quais as concepções de gênero dos jornalistas e de que maneira elas atravessam a produção de notícias e contribuem para reproduzir, manter, re-significar ou transformar padrões sociais normativos de desigualdade através do jornalismo?” (SILVA, 2014, p.38)

○ percurso até a consideração que encerra o livro, de que “(...) o jornalismo

¹ Doutoranda no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail: fn.imprensa@gmail.com.

revelou-se constituído de gênero. E o gênero do jornalismo é masculino” (SILVA, 2014, p.331) se inicia com a escolha por pesquisar a esfera da produção das notícias. Dentre os processos que compõe o que Richard Johnson (2006) classifica como circuito da cultura – a esfera da “produção”, os “textos” (compreendidos de forma mais ampla como os produtos culturais), as “leituras” (dos receptores) e, por fim, as “culturas vividas” (ou seja, o meio social que interliga produtores e receptores em uma mesma cultura –, o local de produção de sentidos é um dos menos investigados no campo da comunicação social, que privilegia a análise dos textos).

Ao destacar a escolha por um estudo sobre rotinas de produção salienta-se também que uma das grandes contribuições da obra é explicitar a capacidade de agência dos sujeitos nesta esfera. Sem delegar de maneira vaga à “ideologia dos veículos” a responsabilidade pela publicação de narrativas que desrespeitam a identidade de grandes parcelas da população, o estudo demonstra como processos de escolhas dos indivíduos integram esta construção. Por outro lado, a pesquisa aponta o compartilhamento destas escolhas, na medida em que o processo de construção de notícias envolve um grande contingente de profissionais (repórteres, editores, produtores, apresentadores, editores de imagem, etc.) e a expectativa de aprovação destes posicionamentos pelo público do veículo. “(...) o papel da subjetividade e das visões de mundo do jornalista sobre as notícias são pouco explorados nas pesquisas do campo do jornalismo. Em geral, os valores profissionais são diretamente associados à ideologia da empresa, às rotinas produtivas” (SILVA, 2014, p. 76).

A constatação de que o jornalismo tem um gênero, o masculino, vem acompanhada de que este também tem raça, classe social, geração e sexualidade. No topo da hierarquia de privilégios e normas estão os homens cisgêneros, brancos, de classe média/alta, heterossexuais e jovens. Essa hierarquia se explicita a cada pequena escolha como, por exemplo, a dos repórteres para matérias investigativas (papel delegado a homens que contenham atributos de masculinidade), ainda que os sujeitos não tenham consciência disso. São valores presentes na sociedade, compartilhados e reiterados no jornalismo, uma das esferas da construção de sentidos sociais. “Investigar os modos como o jornalismo está perpassado por gênero é o primeiro caminho para entender como o processo de (re) produção de

valores e representações hegemônicas de gênero que, em última instância, refletem a existência de um padrão heteronormativo” (SILVA, 2014, p. 102-103).

O aporte utilizado pela autora para suas reflexões está ancorado na articulação de diferentes vertentes teóricas e metodológicas. Silva aproxima-se dos Estudos Culturais para refletir sobre a cultura e a Comunicação Social. No que se refere ao Jornalismo, suas escolhas estão alinhadas às teorias construcionistas, “que entendem a notícia como uma construção social da realidade, como narrativas marcadas pela cultura dos membros da tribo (jornalística) e pela cultura da sociedade onde esta tribo está inserida” (SILVA, 2014, p. 43). No que se refere aos estudos de gênero, a pesquisa se articula aos pressupostos dos estudos feministas pós-estruturalistas, especialmente os Estudos *Queer*. As motivações destas escolhas estão presentes no primeiro capítulo do livro.

Na seção seguinte, a autora apresenta o método de pesquisa, qualitativo, e a técnica, uma investigação com inspiração etnográfica. A última escolha também é adversa daquelas realizadas frequentemente pelas pesquisas realizadas no campo da Comunicação Social, que raras vezes investem em estudos etnográficos. O universo escolhido para a pesquisa foi a redação de um programa de telejornalismo, em uma das principais emissoras de televisão do Rio Grande do Sul (cujo nome foi suprimido, bem como dos interlocutores que participaram do estudo, no intuito de preservar as fontes e não restringir estas práticas apenas àquele universo). Após um período exploratório, na qual acompanhou o processo de produção de três programas de jornalismo da mesma empresa simultaneamente, Silva decidiu realizar o estudo em um programa semanal. Entre os primeiros contatos e a saída do campo de estudos, a autora permaneceu cerca de 80 dias acompanhando as rotinas, cuja observação resultou na produção de 47 diários de campo e cerca de 450 páginas de informações.

Os três capítulos seguintes são destinados à análise dos processos de produção das notícias, com descrições densas sobre aspectos como as dificuldades de diálogo com alguns interlocutores, a recepção mais compreensiva de outros, os desconfortos com determinados posicionamentos e o pensar sobre a própria identidade da pesquisadora no espaço.

A primeira análise realizada por Silva se dá sobre os locais de poder e prestígio entre os jornalistas e as relações de gênero que perpassam estes âmbitos. No período em que acompanhou as rotinas do telejornal, o editor-chefe do programa estava afastado por problemas de saúde e a posição de comando era ocupada interinamente por duas pessoas, um homem e uma mulher. No relato de Silva, evidencia-se que as diferenças na maneira de delegar tarefas, administrar conflitos e tomar decisões, assim como a respeitabilidade por parte dos subordinados, estava relacionada ao gênero dos jornalistas. Como explicita um dos relatos do diário de campo da pesquisadora: “Antônio ‘matava no peito’, xingava, dava ordens; Katia se mostrava fragilizada. Ambos geravam desconforto nos demais, entretanto, parecia-me que a postura mais vertical era assimilada como mais adequada para aquela função, apesar de ser a mais criticada” (SILVA, 2014, p.180).

A chefia interina acaba sendo exercida apenas por Antônio e, no lugar de Katia, ingressa uma editora com perfil descrito como “mandona” e “dominadora”. Em outra passagem, Silva descreve a escolha de um repórter para a realização de uma matéria sobre a rotina dos parques da cidade à noite. Nesta discussão, as mulheres repórteres são descartadas, assim como os homens que não têm os atributos da norma – como um repórter negro. Conforme relato do diário de campo da autora, o apresentador do programa explicou a situação com as seguintes palavras: “(...) precisa ter perfil de polícia, porque à noite nos parques o que tem são gays, viciados e traficantes” (SILVA, 2014, p.199). Conclui-se que o prestígio e o poder estavam relacionados aos atributos relacionados à masculinidade, “e nem sempre o tão valorizado masculino estava num corpo biológico de mulher ou mesmo de um homem” (SILVA, 2014, p.193).

A análise seguinte se refere às concepções de gênero presentes nos valores notícia e nos processos de seleção. Nesta seção, a autora demonstra como determinadas temáticas, afinadas com visões de mundo e gostos pessoais dos profissionais fazem com que determinados temas sejam ou não escolhidos para integrar as notícias que são veiculadas. A afinidade de uma das repórteres com a causa dos animais não-humanos ou a prática desportiva da arte marcial jiu-jítsu demonstraram-se capazes de mobilizar o programa para que reportagens destes temas sejam noticiadas. No mesmo sentido, aquilo que não despertava o interesse dos profissionais – pelos mais diversos motivos, inclusive preconceito

e desconhecimento – era descartado. Silva destaca a ausência da reflexão sobre a alteridade nos processos de construção das notícias. Implícita nesta análise está a pouca diversidade de jornalistas e visões de mundo na constituição das redações, formadas majoritariamente por pessoas brancas e de classe média, importando ainda mais a reflexão sobre o olhar que se lança sobre o Outro, ao descrever a vida deste Outro e o grupo social que este pertence. É ainda nesta seção que Silva descreve os processos de escolhas de pautas consideradas “para homem” e “para mulher”, a aproximação do *hard news* com o universo masculino, as chamadas trivialidades identificadas como narrativas a serem produzidas por mulheres e o mundo da periferia identificado com o único repórter negro do local. A delimitação de espaços é evidenciada a cada decisão individual e coletiva, tomando como base especialmente os atributos de gênero.

A seção final do livro pode ser considerada a mais ilustrativa do resultado destes processos de escolhas. Intitulado *Fazendo gênero na produção da notícia: padrões sociais e visões de mundo incidindo no discurso jornalístico*, o capítulo analisa o percurso da construção de uma reportagem sobre a vida noturna nos parques de Porto Alegre. Ao longo do processo, os entrevistados e suas práticas nos parques à noite são sistematicamente contestadas, desvalorizadas e desacreditadas. Classificados como “tudo puto igual”, “veados”, “sub-povo”, “viciados”, “traficantes”, “travecos” e “esse tipo de gente” homens e mulheres cisgêneros e transexuais, heterossexuais e homossexuais são colocados em um patamar de inferioridade a cada etapa da produção de notícias, desde as perguntas invasivas e abusivas do repórter, passando pelos comentários dos editores de texto e imagem, até a apresentação da reportagem.

É neste momento que se percebe que o desnorteamento dos jornalistas com informações que confrontam suas visões de mundo e a escolha pela retirada de temáticas com as quais não concordam. Em uma reportagem que prioriza a demonstração de práticas sexuais nos parques da cidade no período noturno, a informação de que homens heterossexuais frequentam os locais é rechaçada e retirada da matéria. Na busca pela norma, práticas consideradas fora dos padrões são transformadas em abjeções e o material resultante desta construção coletiva celebrado – com um adendo, a direção da empresa afirma que é necessário encontrar “a solução para estes problemas”, ouvindo a polícia

e o Ministério Público em uma reportagem subsequente, transformando desta forma o diferente em crime

A descrição pormenorizada e densa, aliada a uma análise crítica fazem deste livro um grande instrumento de discussão para os profissionais de Comunicação Social, bem como para todos aqueles que estudam as temáticas de gênero. Em uma sociedade na qual a mídia é uma das esferas mais importantes na construção de identidades, compreender o papel dos profissionais neste processo é fundamental e indispensável.

Referências

JOHNSON, R. *O que é afinal, Estudos Culturais?* São Paulo: Autêntica, 2006.

Recebido em maio de 2017.

Aceito para publicação em outubro de 2017.